

A PRIMEIRA PANDEMIA MODERNA: As narrativas sobre a “Gripe Espanhola” durante a crise da covid-19¹

Ana Catarina HOLTZ²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as narrativas sobre a epidemia da gripe espanhola de 1918 que foram desenvolvidas no contexto da covid-19. A partir da análise de dois vídeos “A Gripe Espanhola de 1918” do Canal Nerdologia e “Como a pandemia da gripe espanhola mudou o mundo” disponível no Canal O Globo foi possível identificar 3 linhas narrativas que conectam a pandemia de covid-19 de 2020 com a da “gripe espanhola”. São elas: a importância dos meios de comunicação; as medidas de combate ao vírus; e os impactos nas práticas de consumo. A análise teve como base as teorias discutidas por Gay, Berman, Foucault, Castro, Douglas e Isherwood, Rocha, Frid e Corbo e Fontenelle. Também foram utilizados autores da História para ajudar a contextualizar a pandemia de 1918.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Práticas de Consumo; Biopolítica; Narrativas Publicitárias; Gripe Espanhola; Covid-19

*Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar/
Por causa disso a minha gente lá de casa começou a reza/
E até disseram que o Sol ia nascer antes da madrugada/
Por causa disso nessa noite lá no morro não se fez batucada*
(Trecho da música “E o mundo não se acabou” de Assis Valente)

Introdução

A música “E o mundo não se acabou”, composta por Assis Valente e gravada por Carmen Miranda em 1938, foi inspirada no contexto apocalíptico da pandemia de “Gripe Espanhola” que assustou o mundo entre os anos de 1918-20³. Pouco mais de um século depois do início daquela que ficou conhecida como “a grande epidemia do século XX”, o mundo passou por um novo período crítico por causa da pandemia causada pela covid-19. O vírus Sars-Cov-2, uma variação inédita do coronavírus, foi detectado pela primeira

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, integrante do Grupo de pesquisa BioCon - Comunicação, Discurso e Biopolíticas do Consumo e bolsista PROSUP/CAPES. E-mail: anaholtz89@gmail.com

³ Disponível em: < <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/63655/humanidade-sobreviveu-a-gripe-espanhola-mas-mundo-se-transformou-totalmente> > acesso em 2.dez.2020.

vez no final de 2019, e no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou oficialmente o estado de “pandemia” (quando uma doença infecciosa afeta um número grande de pessoas ao redor do mundo)⁴.

Os primeiros países que foram atingidos pelo coronavírus adotaram estratégias para o controle da disseminação e a população ficou com a mobilidade restrita por medidas de confinamento. Distanciamento social, *lockdown*, fechamento de comércio, suspensão de aulas, foram algumas das principais medidas adotadas pelos países para “achatar a curva”, ou seja, diminuir o número de infectados simultaneamente para não superlotar os hospitais.

O isolamento social e principalmente o *lockdown* foram muito debatidas, tendo sua eficácia questionada por governantes e a população em geral⁵. Parte da mídia, na tentativa de esclarecer a importância da medida, recorreu aos acontecimentos de 1918 para ilustrar o cenário de caos.

Causada pelo vírus da *influenza*, H1N1, a “Gripe Espanhola” matou cerca de 50 milhões de pessoas ao redor do mundo entre 1918 e 1920, infectando 500 milhões, aproximadamente um terço da população mundial (os números podem variar por falta de registros mais precisos)⁶. Na época havia pouco conhecimento médico sobre vírus e doenças contagiosas, de forma que o grande volume de pessoas doentes causou o colapso de muitos sistemas de saúde. O Brasil, além da falta de hospitais para atender todos os doentes, ainda passou por uma crise no sistema funerário, com falta de coveiros disponíveis e cadáveres abandonados nas ruas das grandes cidades.

Um fato curioso é que, apesar da gravidade da epidemia do século XX, durante muito tempo ela ficou praticamente “esquecida”. Após o seu desaparecimento, poucas pessoas comentavam sobre o período, até mesmo historiadores. Apenas em 2009, quando um novo surto de H1N1 surgiu é que médicos e pesquisadores passaram a analisar o que havia acontecido entre os anos de 1918 e 1920⁷.

Com a pandemia da covid-19 e o debate sobre a necessidade de isolamento social, a “Gripe Espanhola” e as suas consequências ressurgiram no cenário midiático. Partindo

⁴ Disponível em: < <https://saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/> > acesso em 2.dez.2020.

⁵ Disponível em: < <https://epoca.globo.com/sociedade/entenda-como-isolamento-social-ajuda-controlar-pandemias-24318657> > acesso em 2.dez.2020.

⁶ Disponível em: < <https://super.abril.com.br/especiais/as-licoes-da-gripe-espanhola/> > acesso em 2.dez.2020.

⁷ Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/gripe-espanhola-a-pandemia-esquecida-que-varreu-o-mundo-em-1918> > acesso em 3.dez.2020.

dessas breves considerações iniciais, o objetivo deste artigo é analisar as narrativas sobre a epidemia da gripe espanhola de 1918 que foram desenvolvidas no contexto da covid-19. Para tanto, utilizaremos como *corpus* conteúdos audiovisuais produzidos para a plataforma Youtube.

O primeiro vídeo é do canal Nerdologia⁸ intitulado “A gripe espanhola de 1918”, publicado no dia 7 de abril de 2020. O vídeo possui mais de 1 milhão de visualizações (até ago/2021) e é apresentado pelo historiador Filipe Figueiredo. A escolha do vídeo teve como critério o grande número de visualizações e o alcance do canal Nerdologia, que aborda assuntos científicos de maneira lúdica, e possui mais de 3 milhões de inscritos. O segundo vídeo é do canal Jornal O Globo intitulado “Como a pandemia da gripe espanhola mudou o mundo¹⁰”, publicado no dia 2 de maio de 2020. Apesar de contar com um número bem menor de visualizações, pouco mais de 112 mil (ago/2021), este vídeo se mostrou adequado para o nosso objetivo pois foi produzido por um veículo da imprensa tradicional.

O referencial teórico é composto por autores como Gay e Berman que discutem o contexto sócio histórico do início do Século XX; pesquisadores sobre biopolítica como Foucault e Castro Gomes; além de estudiosos do consumo, Douglas e Isherwood, Fontenelle e também Rocha, Frid e Corbo. É importante citar a bibliografia complementar de historiadores que abordaram a gripe espanhola no contexto brasileiro, como Bertucci, Martino e Santos. Antes de iniciarmos a análise gostaríamos de fazer uma breve apresentação do material que compõe o *corpus*.

Apresentação do *corpus*

(I) O vídeo do canal Nerdologia “Gripe Espanhola – 1918” inicia com a informação de que a pandemia daquele ano foi a mais mortal do Século XX. Após uma breve explicação sobre a forma de contaminação, por contato com partículas virais expelidas pelas vias aéreas (assim como no caso da covid-19), o vídeo apresenta duas teorias sobre a origem da doença. A primeira, mais aceita, é que ela tenha surgido em Kansas, nos EUA, dentro de bases militares em preparação para a I Guerra Mundial. A

⁸ O Canal Nerdologia possui mais de 3 milhões de inscritos (ago/2021) e tem como foco a produção de conteúdo educativo e de entretenimento. Com apresentação e pesquisa realizada por Átila Iamarino e Filipe Figueiredo, o canal produz diversos conteúdos de divulgação científica. Iamarino ganhou notoriedade nacional logo no início da pandemia ao fazer *lives* e vídeos explicando o coronavírus e as consequências mundiais da pandemia. Disponível em: < <https://www.youtube.com/c/nerdologia/about> > acesso em 3.dez.2020.

⁹ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_gm66nW1Jek > acesso em 3.dez.2020.

¹⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=f-7pc-7rmko> > acesso em 3.dez.2020.

segunda acredita que ela tenha aparecido em bases militares britânicas localizadas no Canal da Mancha, na França. Em ambos os casos havia muitas pessoas confinadas em ambientes pequenos e com pouca higiene.

O final da I Guerra foi decisivo para a disseminação da doença pelo mundo. Os soldados se contaminavam ainda nas trincheiras da guerra e retornavam doentes para seus países. Assim, em questão de poucos meses, a doença já tinha atingido boa parte do mundo, saindo da Europa e chegando principalmente nas Américas.

O vídeo também explica o nome de “Gripe Espanhola”, que, segundo as teorias mais aceitas, a doença teria surgido nos EUA. Para os historiadores, como a Espanha era neutra na guerra não havia censura da imprensa, dessa maneira, o mundo repercutia o que os jornais espanhóis falavam sobre a doença misteriosa que estava atingindo a população. O próprio rei espanhol, Alfonso XIII, quase faleceu de *influenza*, por causa da censura dos outros países, muitos na época acreditavam que apenas a Espanha estava sofrendo com a epidemia.

A velocidade rápida de disseminação da doença provocou o que eles chamaram de “primeira pandemia moderna”. Entre os fatores listados para tal estão: final da I Guerra Mundial, 2ª Revolução Industrial, meios de transportes como ferrovias e navios, o aumento do comércio e o crescimento das cidades. Para ilustrar a velocidade da pandemia o canal compara com a Peste Bubônica, que levou 3 anos para ir da Itália até a Dinamarca, enquanto a gripe espanhola se espalhou pelo mundo em questão de meses.

Após estas primeiras explicações o vídeo aborda os números da pandemia e as consequências no Brasil. O navio Demerara atracou no Brasil em setembro de 1918 após sair da Inglaterra, passageiros contaminados desceram em diversas cidades ao longo da costa brasileira, como Recife, Salvador e Rio de Janeiro. A doença não foi levada à sério pelas autoridades até o aparecimento das primeiras mortes, a imprensa da época responsabilizava os governos pela inércia.

Com o aumento de casos e mortes, o biólogo sanitário Carlos Chagas foi o responsável por implementar as primeiras medidas para controle da doença tais como: quarentena de navios que atracavam nos portos nacionais; notificação compulsória dos casos; hospitais emergenciais; postos de atendimento exclusivos; fechamento de escolas e teatros; paralisação do futebol; redução das missas; além da recomendação de evitar aglomerações. O vídeo também enfatiza que na época não havia hospitais da rede pública, somente instituições filantrópicas, como as Santas Casas.

Já próximo do final, o vídeo encerra com algumas mortes de figuras importantes da época como o presidente eleito Rodrigues Alves, o primeiro-ministro da África do Sul, Louis Botha e do sociólogo Max Weber, todos vítimas da “gripe espanhola”. No Brasil, acredita-se que o número de mortes tenha sido de 35 mil. Para terminar, eles citam artigos com análises que afirmam a eficiência das medidas restritivas em cidades nos EUA. Cidades que adotaram medidas mais duras, semelhantes ao *lockdown*, tiveram menos mortes e se recuperaram mais rapidamente do que aquelas que demoraram para agir.

O vídeo é inteiramente narrado pelo apresentador, Filipe Figueiredo. A produção utiliza imagens de jornais da época, fotos e muitos desenhos como forma de ilustrar a narrativa. As ilustrações combinam com o estilo mais lúdico e de entretenimento da proposta do canal. Enquanto o vídeo do jornal O Globo mantém uma estrutura mais próxima de documentário, com várias entrevistas com historiadores e fotos da época, adotando um tom mais sóbrio.

(II) No vídeo “Como a pandemia da gripe espanhola mudou o mundo” a abordagem é mais histórica, com foco nas consequências da pandemia. Os historiadores Paulo Rezzuti e Milton Teixeira são entrevistados e conduzem todo o vídeo de pouco mais de 9 minutos. Tendo como ponto de partida o que Rezzuti aponta os “loucos anos 20”, em que a sociedade passou por grandes mudanças, como a melhoria da saúde pública e a liberalização dos costumes, o vídeo procura sustentar o argumento de que “o mundo não foi o mesmo depois da gripe espanhola e não deve ser o mesmo depois da pandemia de 2020”.

Assim como o vídeo do Nerdologia, este também explica a origem da doença nos EUA e o motivo do nome “Gripe Espanhola”. Mas enquanto o primeiro tinha como foco explicar as medidas preventivas, este enfatiza o colapso e o caos em que as cidades brasileiras se encontravam. Os poucos hospitais disponíveis não suportaram a demanda, o sistema funerário não conseguia enterrar os cadáveres, que se empilhavam nas ruas esperando uma carroça recolher. Os coveiros começaram a ficar doentes e morrer, de forma que a polícia precisou pegar homens robustos e prisioneiros para executar os enterros, em alguns casos em covas abertas por escavadeiras. Um dos símbolos desse período foi a abertura de valas comuns, violação dos corpos, como roubo de dentes de ouro e necrofilia cometida pelos “coveiros” improvisados.

Com o caos, as únicas medidas que foram eficazes para o controle da doença foi o isolamento social nas grandes cidades. Não havia rádio nem televisão na época, grande

parte da população era analfabeta e os veículos de imprensa costumavam publicar receitas de remédios “milagrosos”, sem comprovação científica.

Por fim, os historiadores alertam sobre a crise econômica por causa do fechamento de parte do comércio, sendo que as empresas de entretenimento e serviços foram os mais afetados com a paralisação. Porém, como ressaltado por Teixeira, o humor se fez muito presente, com a circulação de lendas e sambas que faziam graça com o pânico da população, como a música “E o mundo não se acabou”, de Assis Valente.

O *déjà-vu* da espanhola: as narrativas sobre a pandemia de 1918

Os vídeos apresentados acima foram produzidos após a chegada da pandemia da covid-19 no Brasil e são representativos para entender quais as narrativas criadas para explicar a “Gripe Espanhola” durante um momento sanitário semelhante. Entendemos que o conteúdo audiovisual na plataforma do Youtube compõe o cenário de comunicação e consumo de informações, portanto, analisamos o material como narrativas que buscam dar sentido para o consumo (ROCHA; FRID; CORBO, 2016).

A partir da análise dos dois vídeos foi possível identificar 3 narrativas diferentes: (I) a importância dos meios de comunicação; (II) as medidas de combate ao vírus; e (III) o impacto nas práticas de consumo. Para melhor entendimento, dividiremos a análise a partir destas três linhas narrativas.

(I) Importância dos meios de comunicação

A imprensa escrita é tratada como uma parte muito importante em ambos os vídeos. O próprio nome, “Gripe Espanhola”, surgiu por causa da censura imposta aos jornais dos países envolvidos na guerra. É interessante como ambas as pandemias ganharam “nacionalidades”, a de 2020, por exemplo foi associada de maneira pejorativa aos chineses¹¹, com termos como o “vírus chinês” ou “vírus de Wuhan”¹². Por motivações políticas, a nomenclatura que associa as duas gripes à Espanha e China ilustra o poder difusor da imprensa.

Retomando para a pandemia da “espanhola”, segundo Bertucci (2018), a gripe noticiada em jornais como O Estado de São Paulo no final de maio de 1918, inicialmente não gerou muita preocupação nos paulistanos, pois acreditava-se que seria mais uma gripe

¹¹ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/preconceito-infla-desinformacao-sobre-disseminacao-do-novo-coronavirus.shtml?origin=folha> > acesso em 4.dez.2020.

¹² Disponível em: < <https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/pandemia-e-estigma-nota-sobre-as-expressoes-virus-chines-e-virus-de-wuhan> > acesso em 4.dez.2020.

comum – qualquer semelhança com a “gripezinha” provocada pelo coronavírus é mera “coincidência”. As notícias mais importantes da época tratavam sobre a guerra, uma vez que o Brasil entrou oficialmente no conflito no final de 1917. Foi apenas a partir de setembro que as autoridades reproduziram nos jornais de São Paulo informações sobre o surto que acometeu a Missão Médica Brasileira em Dacar, no Senegal. Em outubro daquele ano as notícias sobre a “espanhola” começaram a ganhar espaço com a confirmação do primeiro caso no país.

Como relatado pelos historiadores entrevistados pelo O Globo, a imprensa escrita tinha grande relevância pois não havia rádio ou televisão na época. Os jornais, em um primeiro momento, tentaram acalmar a população, porém a partir da primeira morte começaram as cobranças públicas por medidas mais rígidas, como o isolamento da cidade, proposta pelo jornal A Gazeta (BERTUCCI, 2018).

Os jornais eram o principal canal de comunicação com a população na época, assim, além das cobranças por medidas para o combate à pandemia, eles também divulgavam boletins diários sobre a evolução da doença e conselhos de cuidados pessoais (MARTINO, 2017).

A divulgação de boletins diários com os registros de novos casos e óbitos foi motivo de desconfiança da população, que acreditava que o Serviço Sanitário estava omitindo os números (MARTINO, 2017). Segundo Martino, os números de novos casos eram recolhidos com a ajuda de escoteiros, que coletavam os dados diretamente com os médicos, enquanto os óbitos eram contabilizados junto aos cartórios. Novamente podemos perceber as semelhanças com a pandemia de 2020, neste caso, a imprensa se mobilizou para criar um consórcio paralelo ao Ministério da Saúde, trabalhando diretamente com as Secretarias Estaduais¹³.

O historiador Milton Teixeira enfatiza no vídeo do jornal O Globo as “notícias mais fantásticas” publicadas na época que davam espaço para curandeiros e religiosos falarem sobre remédios e rituais milagrosos. A comparação com as informações sobre remédios como cloroquina, ivermectina, além de soluções caseiras para a prevenção da covid-19 são inevitáveis. As semelhanças são acentuadas de maneira indireta no vídeo, enfatizando o caráter nocivo que as informações falsas ou imprecisas podem adquirir em um momento delicado como uma pandemia.

¹³ Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml> > acesso em 4.dez.2020.

Entre os tratamentos que se espalhavam pelos jornais da época estavam pitadas de tabaco, balas de ervas, tônicos para dores de cabeça e queimar alface para, supostamente, limpar o ar¹⁴. Um fato curioso é que a “caipirinha”, popular bebida brasileira feita com cachaça, mel e limão tem sua origem atribuída à pandemia de 1918, pois a mistura era considerada muito benéfica para tratar a gripe¹⁵.

(II) As medidas de combate ao vírus

A segunda linha narrativa observada nos vídeos é sobre as medidas de combate ao vírus. As estratégias executadas pelos governantes para o controle da pandemia passam pela gestão da saúde pública, sendo assim, o conceito de biopolítica se mostra muito valioso como chave de leitura. Dessa maneira, antes de iniciarmos a análise sobre as medidas de combate ao vírus, precisamos fazer uma breve contextualização da biopolítica.

A partir dos estudos de Michel Foucault, a biopolítica “faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana” (1988, p. 134). Assim como na pandemia da covid-19, a “Gripe Espanhola” não tinha remédio que combatesse o vírus, apenas formas de diminuir o sofrimento dos sintomas. Portanto, evitar a contaminação era a melhor solução para combater a doença.

Com os hospitais lotados, corpos de cadáveres pelas ruas, a paralisação das atividades produtivas, do comércio e das escolas se tornou necessária para frear a disseminação do vírus. Dessa maneira, os impactos do fechamento de fábricas e comércio podem ser percebidos em duas instâncias: questão sanitária e econômica. A biopolítica (FOUCAULT, 1988) marca justamente a intersecção da gestão com a vida da população, sendo assim, a oposição Saúde X Economia, frequentemente levantada por políticos durante a pandemia da covid-19 também foi tema de debate em 1918.

Analisando a partir da perspectiva de Bogotá, mas que podemos adaptá-la para a realidade brasileira, Castro Gomes (2009) afirma que nas duas primeiras décadas do Século XX a gestão da vida se torna o foco das políticas de Estado para garantir a produtividade, especialmente nas grandes cidades que começavam a se modernizar. Na Colômbia a saúde pública já era um problema para a biopolítica estatal (GOMES, 2009),

¹⁴ Disponível em: < <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/06/7-fatos-sobre-gripe-espanhola-no-brasil.html> > acesso em 4.dez.2020.

¹⁵ Disponível em: < <https://super.abril.com.br/especiais/as-licoos-da-gripe-espanhola/> > acesso em 4.dez.2020.

enquanto no Brasil não havia uma centralização das ações, e foi somente com a gripe que começou a se pensar em uma estrutura pública.

Como dito anteriormente, houve um colapso no precário sistema de saúde das cidades brasileiras. O biólogo sanitarista, Carlos Chagas, foi fundamental para estabelecer protocolos de atendimento e isolamento da população, como o fechamento do comércio e a suspensão de aulas e eventos com aglomerações. Chagas também foi responsável pela criação de 5 hospitais emergenciais e 27 postos de atendimento na cidade do Rio de Janeiro¹⁶. Foi por causa da crise sanitária provocada pela *influenza* que foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública, que posteriormente serviria como base para o Ministério da Saúde¹⁷. As medidas recomendadas por Chagas são muito semelhantes as adotadas durante a crise da pandemia de 2020 e ilustram o que Foucault (1988) define como “tecnologias de governo”. Para o autor, essas tecnologias são estratégias de poder que têm como foco o corpo individual, e também o homem enquanto espécie. A gestão da crise passa diretamente pelo controle do corpo individual com o objetivo de preservar o corpo-espécie.

O que chama a nossa atenção ao ver os dois vídeos analisados é como as semelhanças entre as medidas são enfatizadas, sempre seguidas de dados que reforçam a sua eficiência. Mais de um século após o final da “Gripe Espanhola” é possível avaliar os impactos econômicos do isolamento. No vídeo do canal Nerdologia é apresentado um estudo realizado pelos economistas Sergio Correia, Stephan Luck e Emil Verner em que afirmam que as cidades que adotaram medidas sanitárias e sociais mais rígidas e mais cedo, tiveram menos mortes e uma recuperação econômica mais rápida. Apesar do vídeo fazer a ponderação de que são contextos históricos diferentes, o argumento mostra como há uma narrativa de validação das medidas polêmicas e que foram muito politizadas em vários países do mundo, incluindo o Brasil¹⁸. Um fato interessante sobre a pandemia de 1918. Segundo matéria da revista Superinteressante, foi criada uma “Liga Anti-máscara” na cidade de São Francisco, nos EUA. Parte da população não concordava com a obrigatoriedade do uso de máscara por desacreditarem na sua eficácia. Isto é, mesmo em

¹⁶ Disponível em < <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/06/7-fatos-sobre-gripe-espanhola-no-brasil.html> > acesso em 5.dez.2020.

¹⁷ Disponível em: < <https://super.abril.com.br/especiais/as-licoos-da-gripe-espanhola/> > acesso em 5.dez.2020.

¹⁸ Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/oms-atribui-nova-alta-de-casos-a-politização-da-pandemia/a-55408268> > acesso em 5.dez.2020.

1918 podemos observar movimentos negacionistas, que se opunham à ciência¹⁹. Para criar um paralelismo entre 1918 e 2020 e enfatizar a semelhança entre as duas crises, os vídeos utilizam imagens da época com pessoas usando máscara nas ruas.

Os contextos das condições sanitárias e médicas das duas pandemias são muito distintos, mas as semelhanças nas estratégias mostram como tais “tecnologias de governo” procuram a gestão da população a partir do controle dos corpos. Pela biopolítica foucaultiana podemos compreender melhor como as medidas de isolamento dos doentes, suspensão de eventos públicos para evitar aglomeração, fechamento do comércio são formas de gestão da doença. Na perspectiva de Foucault (1988), os controles reguladores atuam no nível da saúde da população como um corpo-espécie por meio de políticas públicas, decretos, como os recomendados por Carlos Chagas.

(III). Impacto nas práticas de consumo

A terceira linha narrativa identificada nos vídeos diz respeito aos impactos nas práticas de consumo. Para tanto, é fundamental nos atentarmos para o contexto da “Gripe Espanhola”. O autor Peter Gay (1989) denomina o período do final do Século XIX e início do XX como “a era dos trens expressos”. Isto é, foi um período de profundas mudanças sociais provocadas pela Revolução Industrial, crescimento das cidades e a ascensão da burguesia. Para o autor, havia um constante mal-estar generalizado, uma sensação de estar à deriva, como se houvesse um certo preço a pagar pelo progresso.

Os trens atingiam velocidades cada vez maiores, as distâncias se encurtavam e o próprio tempo assumia uma nova percepção por parte da população, em especial os habitantes das cidades com o crescimento acentuado. Como discutido por Berman (2008), existia um grande paradoxo no contexto de virada de século. Havia uma constante reinvenção na sociedade capitalista da época de forma que as catástrofes podiam se transformar em situações muito lucrativas.

É justamente neste contexto que a “Gripe Espanhola” surgiu e se mesclou com o final da I Guerra Mundial. Nos vídeos analisados as circunstâncias de crescimento repentino das cidades, revolução nos transportes e o final da guerra são apontadas como os principais elementos para a rápida disseminação da doença ao redor do mundo. A guerra deixou os países que estavam diretamente envolvidos em uma situação de caos,

¹⁹Disponível em: < <https://super.abril.com.br/historia/conheca-a-liga-anti-mascara-formada-nos-eua-durante-a-gripe-espanhola/> > acesso em 5.dez.2020.

pobreza e fome. Dessa maneira, os efeitos da gripe, por muitos anos, foram considerados meros reflexos da guerra.

No vídeo do jornal O Globo os historiadores Rezzuti e Teixeira falam sobre a situação caótica vivida pelas cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, por causa do colapso generalizado dos sistemas de saúde e serviço funerário. O terror e a morte estavam presentes no dia a dia da população durante os três meses de pandemia no país (entre os meses de setembro e novembro de 1918). Após o auge, com a dissolução dos hospitais improvisados e o retorno à vida “normal”, o povo foi à forra.

O carnaval de 1919 foi um dos mais animados da cidade do Rio de Janeiro (SANTOS, 2006). “Bailes, batalhas de confete e incontáveis blocos espalhados pelos bairros. Ao que parece, houve uma dramatização carnavalesca da situação que os vitimara” (SANTOS, 2006, p.140), foi assim que a cidade do Rio de Janeiro celebrou quem sobreviveu à “espanhola”. Se os últimos meses de 1918 o medo e o caos dominavam as ruas, o prazer de poder celebrar o que poderia ser os últimos dias de vida tomaram conta da cidade.

Para os historiadores entrevistados pelo O Globo a festança de 1919 ilustra o jeito brincalhão e bem-humorado dos brasileiros, especialmente dos cariocas. Para os estudiosos do consumo as manifestações podem representar muito mais do que apenas o bom humor, mas também um modo de dar sentido ao sofrimento e ao caos vivido durante o período da pandemia.

Em seu livro “Mundo dos Bens”, Douglas e Isherwood (2009) inauguram aquilo que seria a base para uma antropologia do consumo. Para os autores, o consumo é a arena em que a cultura confere significado e forma. Nesse sentido, os bens não apenas compõem a cultura, como são a sua parte visível. É importante também ressaltar como “o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2009, p.112).

O contexto histórico da “Gripe Espanhola” a coloca no cenário em que o mundo moderno começa a moldar também o indivíduo a partir das lógicas do consumo (FONTENELLE, 2017). No Brasil, o início do Século XX marca o começo, ainda precário, da industrialização e, por consequência, o desenvolvimento de centros comerciais.

O entendimento do consumo como um operador de sentidos dentro da cultura (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2009) bem como a sua importância para a constituição do

indivíduo moderno (FONTENELLE, 2017) nos ajuda a compreender melhor os efeitos de liberalização dos costumes e a busca pelo prazer no período imediato após a crise sanitária de 1918.

Como mostra a abertura do vídeo “Como a pandemia da gripe espanhola mudou o mundo”, os anos 20 foram considerados um momento histórico muito importante para a mudança de costumes. A Revolta dos 18 do Forte em Copacabana de 1922, começava um movimento de oposição à “Velha República”, enquanto a Semana da Arte Moderna, no mesmo ano, propunha uma renovação na linguagem e impulsionou mudanças drásticas no modo de vida das pessoas.

Para Paulo Rezzuti, entrevistado pelo O Globo, havia uma vontade de aproveitar a vida, celebrar o fato de estar vivo após o período cercado pela morte. Em alguns aspectos de maneira desenfreada, aponta o historiador, como o alto consumo de álcool e drogas. O vídeo dá destaque para a nota do jornal Correio da Manhã em 20 de janeiro de 2019 em que diz: “quem não morreu da ‘hespanhola’, quem della pôde escapar, não dá mais tratos á bola, toca a rir, toca a brincar” (texto reproduzido do jornal).

Toda a narrativa construída no vídeo do canal O Globo está estruturada para mostrar as mudanças – em sua maioria, positivas – causadas pela “Gripe Espanhola”. Publicado no dia 2 de maio de 2020, quando o Brasil registrava 97.100 casos de covid-19 e 6.761 óbitos²⁰, o vídeo tenta dar sentido ao momento de crise e incertezas que o país passava. Nessa direção, é interessante nos aproximarmos do que Rocha, Frid e Corbo (2016) entendem por “pensamento mágico”.

Tendo como base a teoria de Lévi-Strauss, os autores debatem sobre o “pensamento mágico” nas sociedades contemporâneas, portanto é importante falarmos sucintamente sobre os conceitos que dão sustentação para Rocha, Frid e Corbo. Segundo Lévi-Strauss as sociedades constroem o conhecimento a partir de duas lógicas distintas: do engenheiro (diacrônica e linear) e do *bricoleur* (de sincronia e estabilidade a partir de fatos e coisas disponíveis). A lógica do engenheiro remete ao pensamento científico e a perspectiva histórica, enquanto a do *bricoleur* está ligada ao totemismo, presente em sociedades tribais.

No totemismo, tudo precisa fazer sentido dentro de um sistema classificatório que ordena, diferencia e cria relações entre os termos do universo. Nas palavras de Rocha,

²⁰ Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/02/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-2-de-maio.ghtml> > acesso em 6.dez.2020.

Frid e Corbo, “se o pensamento científico se caracteriza pela ênfase na mudança e no ilimitado desenvolvimento linear, o pensamento mágico aposta na permanência, na recorrência e em uma temporalidade cíclica” (2016, p. 2010). Apesar de parecerem opostas, as duas lógicas podem coexistir e se complementar.

Ao transportarem a teoria de Lévi-Strauss para as sociedades contemporâneas, Rocha, Frid e Corbo (2016) afirmam que o “pensamento mágico” ocorre com objetivo de transcender a produção e consumo. Dessa maneira, as narrativas publicitárias utilizam a lógica do totemismo para criar um mundo de magia para objetos sem significado – *a priori* – além de promoverem espaços de comunicação que dão sentido ao mundo moderno.

Quando analisamos as narrativas sobre a “Gripe Espanhola” no contexto da pandemia da covid-19 percebemos como elas são construídas dentro de uma lógica que procura dar sentido ao caos a partir do passado. Se por muito tempo a pandemia de 1918 era apenas uma mera lembrança contada pelos mais velhos, o surto mundial do novo coronavírus fez o tema ressurgir.

Os conteúdos audiovisuais produzidos no decorrer da pandemia se mostram muito significativos para analisarmos como o mundo estava dando sentido para os acontecimentos. Nossa perspectiva de análise pressupõe o consumo como uma via fundamental para o entendimento de questões culturais, como proposto por Douglas e Isherwood (2009). A produção audiovisual é, ao mesmo tempo, uma forma de comunicação de informação, como também parte da cultura viva, que circula, produz sentido e impacta na subjetividade do seu público consumidor.

A comunicação em tempos de crise se torna ainda mais fundamental, e por meio destas produções é possível identificar as narrativas que estão compondo o momento cultural e histórico da pandemia da covid-19. O agravamento da crise sanitária no Brasil, com hospitais lotados e número de mortes diárias que passaram da marca de mil pessoas, o imaginário popular é invadido por um cenário apocalíptico.

As narrativas que remontam a “Gripe Espanhola” se tornam uma forma de organização do caos. Como um operador totêmico misturado com a lógica do engenheiro, em que historiadores, calmamente, explicam como a situação foi superada no passado, deixando de maneira oculta e não-dita, que será superada no futuro.

A pandemia marcou o ano de 2020. Em maior ou menor grau, todos os países do mundo foram afetados: populações sofreram restrição de circulação²¹, aeroportos fecharam²², celebrações religiosas foram suspensas²³, os jogos olímpicos que ocorreriam no Japão em julho foram adiados²⁴. Ainda não podemos medir os impactos sociais, econômicos ou mentais, porém produções como os dois vídeos analisados conseguem nos dar algumas pistas importantes sobre questões culturais. Afinal, fazem parte de uma produção criativa que está profundamente conectada com as agonias, incertezas e isolamento que abalaram o mundo.

Considerações Finais

Este artigo tinha como objetivo analisar as narrativas sobre a pandemia da “Gripe Espanhola” de 1918 que foram desenvolvidas no contexto da covid-19. O *corpus* escolhido foi formado por dois vídeos disponíveis no Youtube. O primeiro “A Gripe Espanhola de 1918” do canal Nerdologia, apresentado pelo historiador Filipe Figueiredo, enquanto o segundo está no canal do jornal O Globo, “Como a pandemia da gripe espanhola mudou o mundo” apresenta um estilo mais próximo de um documentário, com entrevista com os historiadores Paulo Rezzuti e Milton Teixeira.

A análise identificou 3 linhas narrativas presentes em ambos os vídeos: (I) a importância dos meios de comunicação; (II) as medidas de combate ao vírus; e (III) o impacto nas práticas de consumo. É muito importante ponderarmos que as análises podem sofrer um viés, pois foram realizadas enquanto a pandemia de 2020 ainda estava em andamento.

A partir da perspectiva de autores que debatiam o contexto sócio histórico da virada do Século XIX para o XX, período da pandemia de “Gripe Espanhola”, como Gay (1989) e Berman (2008), e também de estudiosos do consumo como Douglas e Isherwood (2009), Fontenelle (2017) e principalmente Rocha, Frid e Corbo (2016) percebemos como as narrativas produzidas sobre a “espanhola” durante a pandemia de covid-19 operam a partir de um totemismo. Os contextos das pandemias são muito diferentes, mas ainda

²¹ Pelo menos um terço da população mundial ficou em isolamento, simultaneamente, cerca de 2,8 bilhões de pessoas. Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/27/13-da-populacao-mundial-esta-em-isolamento-veja-medidas-de-diferentes-paises-para-conter-o-coronavirus.ghtml> > acesso em 6.dez.2020.

²² Disponível em: < <https://www.melhoresdestinos.com.br/paises-coronavirus.html> > acesso em 6.dez.2020.

²³ Disponível em: < <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral/cnbb-define-regras-para-cerimonias-religiosas-durante-pandemia-do-coronavirus.70003322639> > acesso em 6.dez.2020.

²⁴ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/03/jogos-olimpicos-de-toquio-serao-adiados-afirma-governo-japones.shtml> > acesso em 6.dez.2020.

assim, há um grande esforço narrativo para conectar e dar sentido aos eventos de 2020, tendo como base o que se passou em 1918.

Como um grande espetáculo, as narrativas criadas durante a pandemia da covid-19 procuram respostas e esperança numa lógica, supostamente, científica, linear. Os vídeos analisados refletem um entendimento de tempo que, ironicamente, seria cíclico. “O mundo não foi o mesmo depois da pandemia da ‘Gripe Espanhola’ e certamente não será o mesmo depois da pandemia da covid-19” diz o vídeo do jornal O Globo. As melhorias na saúde e a liberalização dos costumes celebrados logo no começo do vídeo vieram às custas de caos, mortes e um pouco de sorte, pois assim como a gripe chegou, ela foi embora. Rápida como um trem expresso da época.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- BERTUCCI, Liane Maria. Epidemia em papel e tinta. **Khronos**, n. 6, 2018.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. **Cultura do consumo**. São Paulo: FGV, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FRID, Marina; CORBO, Willian; ROCHA, EVERARDO (orgs.). **O paraíso do consumo. Émile Zola, a magia e os grandes magazines**. Rio de Janeiro: Edit. Mauad, 2016.
- GAY, Peter. **A educação dos sentidos – A experiência burguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Santiago Castro. **Tejidos Oníricos: mobilidade, capitalismo y biopolíticas en Bogotá**. Bogotá: Pensar, 2009.
- MARTINO, João Paulo. **1918 - A gripe espanhola - os dias malditos**. São Paulo: Excalibur, 2017.
- SANTOS, Ricardo Augusto dos. O Carnaval, a peste e a 'espanhola'. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 13, n. 1, p. 129-158, 2006